

Em primeiro lugar, é necessário esclarecer quais foram as forças envolvidas diretamente no conflito.

Do lado confederado, o *Exército da Virgínia do Norte*¹, comandado pelo general *Robert E. Lee*, cujo efetivo era da ordem de 65 mil soldados e 272 peças de artilharia. O *Gen Lee* é considerado por muitos estudiosos como o comandante mais hábil da Guerra de Secessão, tendo batido as tropas federais em Fredericksburg (1862) e Chancellorsville (1863), o que criou uma mística de invencibilidade ao redor do Exército Confederado.

Para a Batalha de Gettysburg, o exército de *Lee* estava organizado da seguinte maneira: 1º Corpo de Exército, comandado pelo Tenente General (TG) *Longstreet*; 2º Corpo de Exército, comandado pelo TG *Ewell*; 3º Corpo de Exército, comandado pelo TG *Hill*; uma Divisão de Cavalaria, comandada pelo Major General (MG) *Stuart*.

Do outro lado da contenda, o Exército do Potomac, comandado pelo MG *George Gordon Meade*, cujo efetivo era de 85 mil soldados e 354 canhões. Esse exército era organizado em 7 Corpos de Infantaria, 1 Corpo de Cavalaria e 1 Reserva de Artilharia, cujos comandantes eram: 1º Corpo de Infantaria, MG *Reynolds*; 2º Corpo de Infantaria, MG *Scott*; 3º Corpo de Infantaria, MG *Sickles*; 5º Corpo de Infantaria, MG *Sykes*; 6º Corpo de Infantaria, *Sedgwick*; 11º Corpo de Infantaria, MG *Howard*; 12º Corpo de Infantaria, MG *Slocum*; Corpo de Cavalaria, MG *Pleasanton*; Reserva de Artilharia, General de Brigada (Gen Bda) *Tyler* e *Gen Bda Hunt*, Chefe da Artilharia do Exército.

Como ponto negativo destaca-se o fato de o MG *Meade* ter assumido o comando das forças da União em 28 de junho de 1863, substituindo o MG *Joseph Hooker*, cujas as ações tornaram-se hesitantes após a derrota em Chancellorsville. Para facilitar a transição do comando, o MG *Halleck*, comandante em chefe do Exército da União, deu a *Meade* o poder discricionário para destituir, promover ou substituir qualquer comandante de fração sem estar preso à antiguidade, o que lhe permitiu criar um grupo de comandantes coeso, que conheciam a intenção do comandante geral, e nutriam por ele uma confiança mútua. Nesse contexto, *Meade* reunia seus oficiais gerais a fim de compartilhar suas intenções e pedir assessoramento na escolha da melhor linha de ação. A junção da confiança mútua e objetivos bem definidos permitiu aos comandantes do Norte desenvolverem sua iniciativa, ou seja, orientados pelo plano de MG *Meade*, eles tinham independência para tomar decisões dentro de sua esfera de competência sem necessitar consultar o escalão superior.

Em segundo lugar, quanto à estratégia da campanha, após a vitória confederada em Chancellorsville, *Lee* decidiu por uma invasão ao território da União, a fim de ameaçar sua capital, *Washington, DC* e forçar o Exército do Potomac a combatê-lo, em condições desfavoráveis, numa batalha decisiva. Desta maneira, ele pôs suas tropas em marcha com o *Corpo de Exército de Ewell* liderando o movimento.

Em 15 de junho de 1863, o TG *Ewell* cruzou o rio Potomac e, em 26 de junho daquele ano, todos os três Corpos de Exército estavam no estado de *Maryland*. Já o MG *Meade* inicialmente herdou o plano elaborado por seu antecessor, onde as tropas legalistas marchariam em paralelo às rebeldes, entrepondo-se entre essas e as cidades de *Washington* e *Baltimore*. Para isso, a União deveria estar sempre posicionada à Leste de seus adversários.

¹ Para que não haja dúvidas referentes ao alinhamento ideológico das tropas, todas unidades sulistas e seus militares serão retratados em itálico.

Em seguida, ele planejou ocupar uma posição defensiva à Sul do Riacho Pipe - entre a capital federal e as tropas de Lee - e lá engajar seu inimigo. Face ao exposto, conclui-se que, apesar de sua importância capital na Guerra de Secessão, o combate de Gettysburg não foi planejado por nenhum dos lados e sua origem deve-se somente a um contato fortuito entre ambas as tropas.

Nesta primeira fase, o principal erro do *Gen Lee* foi a exagerada liberdade de manobra conferida à *Divisão de Cavalaria de Stuart*. Em consequência da atuação dessa tropa em reides no território invadido, os confederados foram privados de sua peça de manobra mais apta a realizar atividades de reconhecimento. Graças a isso, o Exército Confederado permaneceu sem informações sobre o movimento das tropas legalistas. Do lado da União, destaca-se negativamente a demora do MG Butterfield, Chefe de Estado-Maior do Exército do Potomac, em editar e divulgar a circular do Riacho Creek, que dava ciência a todos os comandantes de Corpo de Exército da União da intenção de seu comandante de estabelecer uma posição defensiva naquele acidente capital e aguardar o ataque rebelde.

Em seguida, a fim de melhor compreender quais foram as táticas adotadas pelos contendores nos três dias da batalha de Gettysburg, faz-se antes necessário entender quais as peculiaridades do relevo e como elas influíram no combate. Para atingir esse objetivo, segue a descrição elaborada por G. D. Sheffield e traduzida pelo Coronel Luiz Carlos Carneiro de Paula:

O terreno em Gettysburg era extremamente favorável à defesa. A cidade ficava em uma baixada entre dois riachos, Rock Creek e Willoughby's Run, os braços leste e oeste do Rio Monocacy. Uma linha de alturas corria entre a cidade e Willoughby's Run, na parte imediatamente a oeste de Gettysburg, conhecida como a Colina do Seminário (devido a uma escola luterana que ali existia). Para oeste, ficava a Colina McPherson e, mais afastada, a Colina Herr. Uma segunda linha, um pequeno esporão de elevações conhecido como Colina do Cemitério, corria para o sul de Gettysburg, dominada pelo Morro do Cemitério em sua extremidade norte. Menos que três milhas ao sul de Gettysburg, terminavam as elevações com um pomar de pessegueiros a três quartos de milha a oeste de sua extremidade sul e uma área muito pedregosa conhecida como "Toca do Diabo". Duas elevações que ficaram na história como Little Round Top e Round Top (Pequeno Morro Redondo e Morro Redondo) completavam a Colina do Cemitério para o Sul. Meia milha a leste do Morro do Cemitério, ficava o Culp's Hill (Morro da Culpa), próximo ao Rock Creek, com o Power's Hill (Morro da Força) uma milha afastado para o Sul. Gettysburg era um ponto chave, um nó rodoviário, e 10 estradas importantes cruzavam a cidade, inclusive a estrada que, de Cashtown, seguia para noroeste, e a estrada de Fairfield para sudoeste. (DE PAULA, 2007, p 224-225).

O combate teve início quando duas divisões do *Corpo de Hill* chegaram à Gettysburg e encontraram-na guarnecida pela divisão de cavalaria do *Gen Bda John Buford*, que ocupava as alturas a oeste da cidade, ao longo das estradas de Cashtown e Fairfield.

Os cavalarianos da União exerceram um movimento retrógrado a fim de ganhar tempo para a chegada dos reforços. Às 10h30 min, quando os infantess confederados começavam a

subjugar a divisão de Buford, O MG Reynolds chega à Gettysburg com o 1º Corpo de Infantaria. Reynolds também é o responsável por acionar o 11º Corpo da União, do MG Howards. Às 13h30 min, a *Divisão de Pender* e duas divisões do *Corpo de Ewell* chegam em reforço aos confederados. A intensidade do combate aumenta rapidamente e as tropas legalistas são expulsas da Colina do Seminário.

Ao final do dia, os rebeldes dominam a parte oeste do campo de batalha e as tropas da União ocupam uma posição defensiva ao longo da Colina do Cemitério, Morro da Culpa, Pequeno Morro Redondo e Morro Redondo, cujo formato lembra um anzol. O saldo de mortes no primeiro dia de combate foi da ordem de 15 mil soldados. Do lado legalista, destaca-se a morte do MG Reynolds.

Para o segundo dia de hostilidades, o plano do *Gen Lee* era realizar um ataque no flanco sul do dispositivo do Exército do Potomac, para isso, ele utilizaria o *Corpo de Longstreet*. Em adição, o *Corpo de Ewell* deveria atacar o flanco norte da União a fim de confundir Meade no tocante à localização do esforço principal sulista. O MG Meade, em resposta, optou por manter o dispositivo defensivo, com o 5º Corpo de Exército em reserva, e aguardar, na expectativa do ataque confederado.

Como aspectos negativos desse dia tem-se: do lado confederado, a demora de *Longstreet* para iniciar o ataque, o que só foi feito ao final da tarde, permitindo que a União fortificasse suas posições defensivas; do lado legalista, a iniciativa errônea do MG Sickles de avançar a posição do 3º Corpo de Infantaria para a região do Pomar de Pessegueiros, cujas consequências diretas foram a perda do apoio mútuo do 2º Corpo de Infantaria em seu flanco direito e enfraquecimento do dispositivo; além disso, destaca-se também o atraso de Meade em inspecionar a posição de suas tropas, haja vista que ele somente passou em revista ao 3º Corpo às 15 h, momentos antes do ataque do *Corpo de Longstreet*, o que lhe privou da oportunidade de verificar se Sickles havia compreendido bem as ordens emanadas naquela manhã e de intervir diretamente na manobra, corrigindo o desenho da formação defensiva.

Como pontos positivos do 2º dia em Gettysburg, destaca-se a opção correta do *Gen Lee* de investir sobre o flanco esquerdo da União, pois, era o lado mais fraco do dispositivo legalista e a chegada da *Divisão de Pickett* ao final do dia, o que aumentou o poder de combate dos rebeldes.

Por sua vez, no Exército do Potomac, é necessário citar a realização do conselho de guerra, onde Meade avaliou seu efetivo, optou por manter a defensiva por, pelo menos, mais um dia e sincronizou a atuação de seus generais para o dia seguinte.

No último dia de contenda, o *Gen Lee* decidiu atacar o centro do dispositivo inimigo a fim de rompê-lo. Para isso, seriam empregados os remanescentes dos *Corpos de Longstreet e Hill*, a *Divisão do Gen Bda Pickett*, recém chegada à Gettysburg, deveria liderar o movimento.

Ambos os comandantes de Corpo de Exército citados anteriormente protestaram contra o plano, mesmo assim o *Gen Lee* decidiu mantê-lo. A *Carga Pickett*, como o ataque ficou conhecido, foi precedida por uma intensa preparação de artilharia, cujo objetivo era enfraquecer o dispositivo defensivo da União e torna-lo suscetível à penetração.

Ainda que o plano rebelde fosse arriscado, foi o *Gen Bda Hunt*, o Chefe de Artilharia da União, quem derrotou *Lee*, graças à duas determinações emanadas naquela manhã por iniciativa própria, porém, em consonância com a intenção do MG Meade, manifestada na noite

anterior. A primeira delas visava preservar o estoque de munições de longo alcance das baterias legalistas, por isso, durante a barragem de fogos em preparação para a *Carga Pickett*, Hunt ordenou que seus artilheiros aguardassem entre quinze e vinte minutos antes de responder com fogos de contrabateria e apenas o fizessem a fim de neutralizar as baterias sulistas mais eficientes.

A exceção para essa ordem foi a artilharia em apoio ao 2º Corpo de Infantaria, que ocupava a posição central do disposto da União, cujo regime de fogos foi mantido a fim de preservar a moral dos infantés aliados.

Na sequência, Hunt ordenou que todas as bocas de fogo subitamente cessassem os disparos, o que levou as forças rebeldes a acreditarem que eles haviam neutralizado o apoio de fogo do Norte, em consequência, o ataque foi ordenado.

Quando as tropas de *Pickett* estavam em campo aberto, progredindo na direção da Colina do Cemitério, a artilharia de Hunt reabriu fogo. Os atacantes que sobreviveram foram abatidos pelos tiros de fuzil dos infantés legalistas. Com a *Carga Pickett* rechaçada, terminava a esperança do Sul de vencer a batalha de Gettysburg.

Por fim, pode-se concluir que a batalha de Gettysburg foi um dos pontos de inflexão da Guerra de Secessão, pois, teve consequências importantes para ambos os lados.

A União, vencedora, pôde reestabelecer a confiança de seu exército e frear a invasão sulista em seu território, assumindo a iniciativa das ações no Teatro de Operações Leste. Por outro lado, os confederados sofreram um duro golpe do qual jamais se recuperaram.

REFERÊNCIAS

BASSET, G. A. Major General George Gordon Meade and the philosophy of mission command at the battle of Gettysburg. 2019. 132f. Dissertação (Mestrado em Artes e Ciências Militares) - U. S. Army Command and General Staff College, Fort Leavenworth, 2019.

COUGHENOUR, K. L. The Mine Run Campaign: An operational analysis of Major General George G. MEADE. 1990. 104f. Projeto de Estudo Individual - U. S. Army War College, Carlisle Barracks, 1990.

HOLMES, Richardson; PIMLOTT, John. Gettysburg. In: Atlas Hutchinson de planos de batalhas: antes e depois. Tradução de Luiz Carlos Carneiro de Paula. 1ª edição. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2007. Pag 220 - 232.

REYNIERS A. Gettysburg, un lieu de memoire americain. Recherches en Communication, Louvain-la-neuve, n° 31, p. 191-196, março, 2009. Disponível em <https://ojs.uclouvain.be/index.php/rec/article/view/51443/49643>. Acesso em 28 de agosto de 2020.

RHODES, J. F. The Battle of Gettysburg. The American Historical Review, Oxford, v.4, n°4, p. 665 - 677, julho, 1899. Disponível em <https://www.jstor.org/stable/1833783>. Acesso em 28 de agosto de 2020.

ROOSEVELT, T. Robert Lee and the Nation. The Sewanee Review, Baltimore, v.15, n° 2, p. 173-176, abril, 1907. Disponível em: <http://www.jstor.com/stable/27530838>. Acesso em 28 de agosto de 2020.



Brasil: 198 anos de Independência – 1822-2020

Manuel Beckman - o Cristão-Novo que Antecedeu Tiradentes

Israel Blajberg
ibljberg@poli.ufri.br

Há 198 anos José Bonifácio, o Patriarca da Independência, da Tribuna do Grande Oriente do Brasil na Rua do Lavradio conclamou os maçons e a sociedade – era chegado o momento. Anoitecia o 20 de agosto de 1822, Dia do Maçom. Nesta data, mais de um século depois seria fundada a ESG. Poucos dias depois, a 7 set, Dom Pedro I declarou o Brasil emancipado de uma vez por todas de Portugal. *"Se todos quisermos – dizia-nos Tiradentes, aquele herói enlouquecido de esperança - poderemos fazer deste país uma grande nação. Vamos fazê-la."*

Assim falou Tancredo Neves. Mas antes do conhecido proto-mártir da Independência, alguém já havia se erguido contra o estado lusitano. Manoel Beckman, o Bequimão, como os maranhenses o chamavam, acabou enforcado por rebelar-se contra o Estanco – monopólio comercial de azeite, farinha, vinho, bacalhau, imposto pelos portugueses.

Nascido em Lisboa, herdou de seus antepassados as raízes ocultas de cristão-novo; o bom e velho sangue judaico corria em suas veias. A Inquisição o perseguiu. Beckman hoje é nome de ruas, cidades, escolas, tendo seu nome honrado em elevada comenda, a Medalha do Mérito Legislativo 'Manuel Beckman', e no prédio que abriga a Assembleia Legislativa do Estado do Maranhão, "Palácio Manuel Beckman".

Suas últimas palavras foram "Morro feliz pelo povo do Maranhão!", inscritas na placa que adorna seu busto em frente ao Palácio, de onde ele lança um olhar ao longe, confiante no futuro do Maranhão. Seria assim o verdadeiro proto-mártir de nossa independência, com todo o respeito que devotamos à memória de Joaquim José e demais Inconfidentes da Vila Rica.

O então governador-geral Gomes Freire de Andrada fez executar a ordem judicial do enforcamento. A epopéia de Beckman remete a 2022, quando com as Graças do Eterno e Grande Arquiteto do Universo, estaremos comemorando os 200 anos da nossa Independência.



- 7 DE SETEMBRO - DIA DA PATRIA-

**DIANTE DO TÚMULO DE JOSÉ BONIFÁCIO, DISCURSO PROFERIDO PELO
 ALMIRANTE NORTON DEMARIA BOITEUX, NO PANTEÃO DOS ANDRADAS - DIA 13
 DE JUNHO DE 1963 NA CIDADE DE SANTOS, SP, EM COMEMORAÇÃO AO
 BICENTENÁRIO DE SEU NASCIMENTO**

NYLSON REIS BOITEUX

Coronel Reformado do Exército Nacional. Diplomado pela ECEME.

A representação da Marinha para essa solenidade, mesmo incompleta encaminhou para a cidade de Santos um Batalhão de Fuzileiros Navais, tropa tradicional sempre presente nos grandes lances da sua evolução e aumentar o brilho da cerimônia não poderia faltar-lhe a Banda Marcial para, com seus clarins e tambores, encher de vibração, neste grande dia, a alma popular.

Uma força significativa da Esquadra, guarnecida por briosa marinagem, digna e herdeira de Cochrane e de João das Bottas. Ela veio chefiada, como uma particular reverência ao estadista que celebramos, pelo próprio Almirante Comandante-em-Chefe da Esquadra.

O navio que mais se destacava, sem dúvida, em sua popa exibia orgulhosamente um nome venerável: "**José Bonifácio**".

Compareceram ainda o Diretor de Serviço de Documentação Geral da Marinha, relicário de todos os nomes e fatos da História Naval e de sua tradição, o Secretário Geral da Marinha o Chefe de Estado Maior da Armada e o próprio Ministro da Marinha e, como descendente do eminente Estadista que se comemorava, a presença do Exmo. Sr. Ministro Presidente do Supremo Tribunal federal Dr. Antônio Carlos Lafayette de Andrade e demais personalidades convidadas.

A presença da Marinha nesta cerimônia não é, pois, fortuita e encerra um tríplice intuito: Resgatar primeiro um pouco da imensa gratidão ao seu imortal fundador, na oportunidade feliz de seu bicentenário; em segundo lugar trazer, a este recinto sagrado, o testemunho de que a Marinha que ele criou é hoje uma instituição forte e pujante, sempre a serviço do Brasil; finalmente, a Marinha aqui se encontra, nesta hora solene, para fazer sua profissão de fé. Assim se expressou na oratória do Almirante **NORTON DEMARIA BOITEUX**.

PATRIARCA VENERANDO!

O decorrer de tua existência foi uma lição permanente de bravura moral, generosidade, honradez, visão política, liberalismo, fraternidade, fervor patriótico e dedicação ao próximo.

Esta Marinha, que te admira e reverencia, não se contenta em apenas com o privilégio de ter sido um fruto precioso do teu admirável descortino cívico. Ela deseja mais.

Ela reivindica para si, como justo legado, um quinhão do teu gênio, uma parcela da tua grandeza, uma porção do teu patriotismo.

Patriarca da Independência! Criador da Bandeira! Fundador da Marinha!

A Marinha que fundaste vem dizer-te, com toda a unção cívica, que a tua obra social e política não se perdeu, antes adquire cada vez mais consistência e robustez.

Ela se sente plenamente identificada com os ideais que te guiavam quando cimentaste esta Pátria gigantesca e maravilhosa.

A Marinha herdou de ti o amor ao povo, à terra e as instituições e ela venera o passado crê no presente e confia no porvir, radioso, que já se desenha no horizonte pátrio.

Recebe pois, ó grande Andrada, com esta singela placa de bronze pela tua obra imorredoura, a lídima expressão da alma marinheira.

A Posteridade indicou, para seu vulto ímpar um lugar de honra no coração do Brasil.

Mas o verdadeiro prêmio que a tua modéstia sempre almejou tu mesmo definiste em dois versos imortais:

**"Eu desta glória só fico contente
Que a minha terra amei e a minha gente".**

ALMIRANTE NORTON DEMARIA BOITEUX.

Notas:

- O Contra-Almirante Norton Demaria Boiteux, é tio do autor do presente artigo, por ser irmão de seu pai, o General de Brigada Nelson Demaria Boiteux, ambos já falecidos.
- O Contra-Almirante Norton Demaria Boiteux chefiou um Grupo Tarefa (GT) composto dos contratorpedeiros Paraná e Pernambuco para enfrentar elementos da Esquadra Francesa na Guerra da Lagosta, o contencioso diplomático-militar Brasil X França que pela interferência diplomática dos EE UU e da ONU foi evitado.

BIBLIOGRAFIA:

- A INTELIGÊNCIA MULTIFORME DE JOSÉ BONIFÁCIO, EDITORA PARALELO LTDA, em convenio com INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO (MEC) 1974.
- Arquivo e Biblioteca do Autor.

SOBRE O AUTOR:

NYLSON REIS BOITEUX, CORONEL REFORMADO DO EXÉRCITO BRASILEIRO, DIPLOMADO PELA ESCOLA DE COMANDO E DE ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO, MESTRE EM ARTE DA GUERRA, DOUTOR EM CONHECIMENTOS E ESTUDOS MILITARES. ENDEREÇO: RUA GAMELEIRA, Nº 70, CARANDÁ BOSQUE II, CAMPO GRANDE – MS, CEP: 79 032 – 370, E-MAIL: mgracalb@hotmail.com

Campo Grande, MS 04 de setembro de 2020.



O ANIVERSÁRIO DO BRASIL

Sérgio Pinto **Monteiro***

Todas as nações têm datas cívicas em que seus povos comemoram fatos relevantes da história do país. Em muitos casos, a mais significativa delas refere-se ao seu surgimento como nação independente. Dentre as datas nacionais mais noticiadas, estão o *Independence Day*, dos Estados Unidos, o *14 de Julho*, da França, o *Aniversário da Rainha*, na Inglaterra, o *Dia da Rússia*, 12 de junho (e o *Dia da Vitória*, 9 de Maio), ambas da Federação Russa, o *1º de Outubro*, da República Popular da China, o *18 de Abril*, de Israel, entre muitas outras. Em todas, as comemorações têm grande participação popular e revestem-se de forte sentimento patriótico. São celebrações desvinculadas de governos. Creio que seria adequado classificá-las como atos típicos de Estados. Nelas, as forças armadas, em última análise como guardiães das nações, têm participação relevante.

No Brasil, a data de 7 de setembro de 1822 registra a Declaração de Independência do país ao Império Português. O conhecido Grito do Ipiranga, real ou simbólico, representa, sobretudo, a Força de um povo cujo sentimento nativista surgiu e cresceu quase duzentos anos antes, a partir dos combates e da expulsão do invasor holandês, primeiro na Bahia e, logo depois, em Pernambuco. No *Compromisso Imortal*, de 23 de maio de 1645, onde pela primeira vez, em documento, foi usada a palavra PÁTRIA, brancos, negros e índios, unidos, reafirmaram o seu inabalável propósito de vencer os invasores, o que culminou com as sucessivas vitórias nos combates dos Montes Guararapes, a última delas em 1648, origem gloriosa do Exército Brasileiro.

O 7 de Setembro sempre foi comemorado em nosso país com a importância que lhe é devida. No passado, as comemorações não se restringiam aos chamados Desfiles Militares. Uma rápida consulta aos noticiários de época revela que a data, até os anos 70, manteve um certo padrão comemorativo, onde destacava-se uma forte participação da imprensa brasileira, com extensas matérias alusivas e, inclusive, saudáveis mensagens patrióticas. Clubes e Associações realizavam festas. Havia até o Baile da Independência. Ocorriam intensas celebrações escolares, em todos os níveis de ensino, inclusive nas

universidades, onde historiadores realizavam palestras sobre os fatos que culminaram com a nossa libertação.

Lamentavelmente, a década de 70 viu crescer no meio cultural brasileiro uma intensa influência ideológica no sentido de desconstruir os valores até então vigentes, com releituras depreciativas dos tradicionais fatos históricos, substituindo-os por interpretações muitas vezes esdrúxulas, quando não absurdas. Assim, surgiram “professores” e “jornalistas” que negaram o enforcamento de Tiradentes, minimizaram a participação da Princesa Isabel na Abolição da Escravatura, caluniaram o Duque de Caxias, reduziram o Imperador D. Pedro I, proclamador da nossa Independência, a um mero aventureiro amoroso, e inúmeras outras barbaridades históricas. Durante os últimos cinquenta anos, os cursos de história e ciências sociais formaram professores cuja nobre missão de instruir e educar foi substituída por forte ativismo político-ideológico, fundamentado no ideário Gramscista, onde os heróis nacionais devem ser menosprezados e esquecidos, ao mesmo tempo em que figuras como o sanguinário “Che Guevara” e o ditador assassino Fidel Castro tornar-se-iam referências em lideranças “positivas”.

Em tempos de pandemia, cuja origem e verdadeira extensão ainda saberemos, nosso 7 de Setembro certamente será ignorado pela “grande” mídia ou, então, apenas por ela lembrado como um “feriadão”, onde a população será acusada de estar nas ruas, bares e praias, sem máscaras, desrespeitando as determinações de isolamento de prefeitos e governadores, mais preocupados, diga-se de passagem, com o crescimento da popularidade do Presidente da República e com as investigações da Polícia Federal sobre o mau uso dos recursos públicos que o governo lhes repassou.

Por outro lado, a mídia já não consegue esconder seus propósitos impatrióticos. Uma força maior se agigantou nos últimos tempos. Os maus políticos, inimigos da população, são identificados e, a todo o momento, denunciados. As redes sociais deixaram de ser, apenas, instrumentos de lazer e difusão de conhecimento. Transformaram-se em armas letais contra os inimigos do país. Nelas, os brasileiros têm demonstrado que a Nação está viva e PULSA, de forma vigorosa e veemente, contra os maus cidadãos. Neste 7 de Setembro, as redes estarão inundadas de mensagens de amor ao Brasil. Como um vírus do bem, essas postagens, em poucas horas, contaminarão milhões e milhões de patriotas. Será uma verdadeira VACINA VERDE-AMARELA, capaz de enfrentar e vencer os mais virulentos e nocivos inimigos da Pátria.

PARABÉNS PÁTRIA AMADA, BRASIL! UM FILHO TEU NÃO FOGE À LUTA!

*o autor é Oficial da Reserva Não-Remunerada do Exército. É fundador, ex-presidente e Patrono do Conselho Nacional de Oficiais da Reserva. Membro da Academia de Brasileira de Defesa, da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e do Instituto Histórico de Petrópolis.



Leia o novo artigo do Cel Vogt – “Uma História de Fé” no www.escritorcfvogt.blogspot.com.br



Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Presidente da AHIMTB/RS (lecaminha@gmail.com)

Sites: www.ahimtb.org.br e www.acadhistoria.com.br

Site do Núcleo de Estudos Estratégicos/CMS: www.nec.cms.eb.mil.br

Site do Núcleo Militar de Gramado: www.nuclev.com

Blog da Delegacia da FAHIMTB/RS em Recife, PE – Delegacia Heróis de Guararapes:

<http://historia-patriota.blogspot.com/>.